

**QUEM TEM MEDO DE ITÁLIA FAUSTA? E O COMEÇO DO TEATRO BESTEIROL**

**Luís Francisco Wasilewski**

Universidade de São Paulo – USP

Teatro Besteirol, Miguel Magno, Ricardo de Almeida.

Um espetáculo feito em São Paulo ganhou o epíteto de “Pai do Besteirol”. Trata-se de *Quem tem medo de Itália Fausta?*, de Miguel Magno e Ricardo de Almeida, integrantes do grupo Teatro Orgânico Aldebarã. A forma a que me refiro é a de um espetáculo sustentado em esquetes, com referências ao cinema e ao teatro, cujos atores, na maior parte do tempo, interpretam personagens femininos. *Itália Fausta* estreou no Teatro do Bixiga, na São Paulo de 1979. A peça nasceu de improvisações que a dupla criou após a leitura do livro *As 1001 vidas de Leopoldo Fróes*, de Raimundo Magalhães Júnior, que havia sido dado para a dupla pelo pai de Ricardo, o escritor de telenovelas Manoel Carlos.

Lendo a obra, eles se depararam com a figura do Ponto. Então, decidiram inventar uma brincadeira: Ricardo ficava na cabine de luz e som, enquanto Miguel ficava com uma cadeira representando uma hipotética atriz ultrapassada que precisava do Ponto para sobreviver. Essa brincadeira acabou dando a organicidade à primeira parte do roteiro de *Itália Fausta* que recebeu o título de “*Monólogos para atriz e ponto – a evolução do drama*”. Cada esquete concebido pela dupla recebia uma denominação que parodiava estilos teatrais consagrados, o que demonstrava um profundo conhecimento da estética teatral pelos autores. As cenas são: “Mary I, a rainha boba: tragédia patética”; “Camila vai ao baile: Vaudeville”; “Helena fechou a porta: drama de costumes”; “Dona Walderez, a professora de inglês: uma fantasia psicológica”; “Milena abriu o seu diário: delírio romântico”; “Anita enfrenta o Fórum: drama carcerário - existencial”; e “Aracy caiu na poça: uma farsa metafísica”.

Encontramos um exemplo de comicidade obtida através de uma confusão na linguagem no final do esquete “Anita enfrenta o Fórum”.

- Ponto - Para aí, vai lá pra frente!

*(Ela vai até a boca de cena, spot acende seu rosto, recortado com efeito de grades de prisão que se refletem no painel neutro. Anita carrega um velho boneco de pano na mão)*

- Anita - Eu não queria vir! Eu não queria vir! O que é que vocês querem de mim? O boneco! Não entrego não! Não sou trouxa! Porque me chamaram aqui...

(...)

- Não entrego mesmo! O boneco é meu! Ele tá recheadinho! Adoro recheio! Não vou entregar nunca! Podem me bater, podem me matar, mas o boneco eu não entrego! Por nada

deste mundo! Por nada deste mundo, ouviu?

- Ponto - E vai embora!
- Anita - E vou embora! (*Sai*)

Há um efeito cômico na confusão entre a ordem de ação do ponto que diz *e vai embora*, entendida por Anita como uma fala que ela deverá repetir: *E vou embora*. Tal piada da peça já havia sido mencionada em uma crítica ao espetáculo feita em *O Estado de São Paulo* na terceira temporada paulistana da peça em 1986.

Adaptadas para estes meados da década de 80, as esquetes (sic) cumprem pagamente a curva da gargalhada ininterrupta. Da ‘Rainha boba’ a ‘Aracy caiu na poça’, de ‘Dona Valderez, a professora de inglês’ e ‘Anita enfrenta o fórum’, as monologantes mulheres de Miguel, sempre acompanhadas pelo ponto que lhes passa o texto integralmente ‘Ricardo’, não dão ponto sem nó. Afinal, quem há de resistir a uma atriz solista que inverte a ordem das falas e coloca a indicação de cena ‘e vai embora’ no próprio monólogo, exclamando ‘e vou embora’?<sup>1</sup>

A crítica de Vivien Lando também coloca Miguel/Ricardo como os “pais do besteiro”:

Pais não assumidos do besteiro carioca, os paulistas Ricardo de Almeida e Miguel Magno voltam a atacar com uma arma que, já em 1979, causava furor nas esquinas fundamentais de São Paulo. ‘Quem tem medo de Itália Fausta?’ Teve a audácia de, num momento em que o sério e o sisudo se confundiam nos palcos brasileiros, entrar de sola num humor desprezível, sem apelação, principalmente, desprovido de intenções ideológicas. Claro, à parte os moralistas que torceram o nariz e ficaram disfarçadamente assistindo por debaixo do pano, a montagem fez um merecido sucesso.

*Quem tem medo de Itália Fausta?* trabalhava com um dos recursos cômicos mais utilizados por todo os autores do *Besteiro*, a saber, a paródia.

Linda Hutcheon em *Uma teoria da paródia* assim define a paródia:

---

<sup>1</sup> LANDO, Vivien. *Gargalhada ininterrupta*. O Estado de São Paulo. Caderno 2, 19 de julho de 1986.

A paródia é pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de transcontextualização e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso a homenagem reverencial.<sup>2</sup>

Cada “Monólogo para atriz e ponto” parodiava um estilo de representação teatral. Miguel Magno nos revela como foi urdido cada esquete. “Mary I, ” reverenciava a interpretação de Eva Todor e Henriette Morineau. “Camila vai ao baile” trazia a representação faceira de Bibi Ferreira, mas, no momento em que ela comentava sua menstruação, havia a alusão ao estilo escrachado de Dercy Gonçalves. “Helena fechou a porta” lembrava as atrizes de formação TBC, como Cleyde Yáconis e Cacilda Becker com sua dicção muito bem articulada, e um leve sotaque italianado. “Dona Walderez ”, que é um esquete em que uma professora de inglês vai dar uma aula e acaba incorporando um caboclo, evocava as atrizes do Teatro Oficina, as intérpretes telúricas que entravam em transe na representação, cujas intérpretes eram Ittala Nandi e Célia Helena. “Milena abriu o seu diário” homenageava Fernanda Montenegro e Tereza Rachel, quando essas interpretavam o “Vaudeville Mary Mary”, enquanto “Anita enfrenta o fórum” representava as atrizes do Teatro Denúncia, caso de Ruth Escobar, Yara Amaral e Miriam Muniz. Por fim, “Araci caiu na poça” tinha como referência Marilena Ansaldi.

Quando *Quem tem medo de Itália Fausta?* cumpriu sua primeira temporada em São Paulo recebeu uma crítica de Ilka Marinho Zanotto que comparou o trabalho do Aldebarã ao da *Ridiculous Theatre Company*, de Charles Ludlum cujo texto *O mistério de Irma Vap*, encenado entre os anos de 1986 e 1997 foi uma dos maiores sucessos que se tem notícia, da história do teatro brasileiro. Ilka falou sobre o *Aldebarã* o seguinte:

Impossível não citar o trabalho da Ridiculous Theatre Company, de Charles Ludlum (sic) adaptou e dirigiu em 73 em Nova Iorque e que, à diferença ao quase homônimo ‘The play House of the Ridiculous’ dirigido por John Vaccaro no ‘La mama’ (que enveredava deliberadamente pelo grotesco e pelo obsceno), usava os travestis de modo a criar um pathos quase surrealista. Digamos que o Aldebarã lança mão da mais fina ironia com certa ternura; que os travestis não têm intuito de agredir ou de chocar o espectador, mas somente de distanciar-lo

---

<sup>2</sup> HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985, p. 54.

das personagens cujas atitudes tolas, mas extremamente femininas, assumem a verdadeira dimensão de ridículo quando interpretadas por atores do sexo oposto.

Fernanda Montenegro, uma eterna entusiasta do trabalho da dupla, foi quem indicou o *Itália* para que ele cumprisse a sua primeira temporada carioca nos horários alternativos do Teatro dos Quatro, em 1983. Época em que a expressão Besteiro ainda não aparecia, amiúde, na crítica jornalística.

Nessa temporada Flávio Marinho escreveu sobre a peça para o Jornal O Globo dizendo que a montagem de Magno e Ricardo era uma boa novidade vinda de São Paulo.

Marinho comenta que o espectador para usufruir do humor do espetáculo necessita de uma certa formação cultural:

O humor do espetáculo, no entanto requer uma certa informação cultural do espectador e, especialmente, algum conhecimento (ou vivência) teatral para melhor curtí-lo. De outra forma, corre o risco de perder grande parte dos achados cômicos. Seja como for, trata-se de espetáculo altamente recomendável que, devido ao seu caráter meio marginal, talvez estivesse melhor abrigado – e com maiores chances de sucesso em sessões de meia-noite do Cândido Mendes do que no horário vespertino do Teatro dos Quatro.<sup>3</sup>

Essa idéia esboçada por ele – a de que o espectador da peça precisa de uma certa formação teatral para melhor usufruí-la – vem ao encontro do que Affonso Romano de Sant'Anna diz a respeito da assimilação da paródia, paráfrase e estilização:

Os conceitos de paródia, paráfrase e estilização são *relativos* ao leitor. Isto é: depende do receptor (...) Isto equivale a dizer, em outros termos: estilização, paráfrase e paródia (e a apropriação, que veremos proximamente) são recursos percebidos por um leitor mais informado. É preciso um repertório ou memória cultural e literária para decodificar os textos superpostos<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> MARINHO, Flávio. *Quem tem medo de um jogo teatral muito divertido?* Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 1983.

<sup>4</sup> SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Editora Ática, 7ª Ed. 2006. cit. p. 26.

Em São Paulo, nos anos de 1983 e 1986, as apresentações de *Itália* aconteciam nas salas do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia). Por sinal, uma das características da trajetória do *Itália* era o de ser apresentado em teatros pequenos. Uma prova de que nesse período as grandes massas do público de teatro ainda não consumiam as peças do chamado gênero Besteiro. As tentativas de apresentar a peça em teatros grandes como aconteceu quando a dupla encenou a peça, em 1987, nos míticos Teatro Tereza Rachel, no Rio de Janeiro e no Theatro São Pedro, em Porto Alegre resultaram em temporadas fracassadas. Por sinal, foi na temporada da peça no Tereza Raquel que o encenador baiano Fernando Guerreiro assistiu ao espetáculo, e resolveu utilizar-se de fragmentos dele para, no ano de 1988 conceber *A bofetada*, espetáculo que se mantém até o momento em cartaz, mantendo redivivo o humor de Miguel Magno e Ricardo de Almeida.

#### Bibliografia:

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

LANDO, Vivien. *Gargalhada ininterrupta*. O Estado de São Paulo. Caderno 2, 19 de julho de 1986.

MARINHO, Flávio. *Quem tem medo de um jogo teatral muito divertido?* Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 1983.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Editora Ática, 7ª Ed. 2006.